

# AValiação DE INTERPRETAÇÃO TEXTUAL POR CINCO DOCENTES DE LÍNGUA PORTUGUESA: REFLEXÕES COM BASE NA TEORIA DA RELEVÂNCIA

Fábio José RAUEN (Universidade do Sul de Santa Catarina)

**ABSTRACT:** *Based on Relevance Theory, Silveira (2005) has analyzed the correlation between amount of inferences in interpretation and teachers' evaluation. Although, the corpus does not corroborate to have reduction of marks in function of the increase of inferences, teachers' disapproved inferences tend to be considered as a mistake. In this communication, these results are analyzed.*

**KEYWORDS:** *Relevance theory, inference, evaluation.*

1. Introdução. É cada vez mais consensual a necessidade de priorizar a interpretação na prática escolar em língua portuguesa. Os resultados do Brasil em testes internacionais têm-se mostrado sofríveis no que se refere à capacidade dos estudantes atenderem às demandas de interpretação de textos. Nesse contexto, entre as tarefas exigidas do docente, está a oferta de textos autênticos de vários gêneros, inclusive literários, a proposição de oficinas de interpretação e a avaliação do desempenho dos estudantes.

No que tange à avaliação, contudo, a perspectiva do docente, no mais das vezes atrelada à noção de comunicação como codificação e decodificação de mensagens, tem de ser revista em função de uma perspectiva inferencial. Nesse caso, a concepção de uma única resposta, muitas vezes explícita em um gabarito, tem de ser repensada num contexto onde múltiplas respostas podem ser admitidas. Está justamente aqui o cerne da questão: até que ponto aceitar como correta uma resposta inferencial? Na falta de uma instrução gabaritada, o docente atrelaria sua avaliação à estrutura lingüística do texto, mesmo em interpretação de texto literário?

Diante dessas questões, orientou-se um estudo de caso experimental de caráter exploratório (SILVEIRA, 2005), que analisou, com o aporte da Teoria da Relevância, a avaliação, por cinco docentes de Língua Portuguesa, de uma interpretação textual elaborada por cinco estudantes da 3ª série do ensino médio de uma escola pública de Tubarão, SC. Especificamente, o trabalho de Silveira verificou a influência da semelhança das interpretações com a estrutura lingüística na avaliação da interpretação textual.

A pesquisa defendeu a hipótese operacional de que os conceitos de forma lógica, explicatura e implicatura de Sperber e Wilson (1986, 1995) e seu desenvolvimento em Carston (1988), permitiriam uma descrição empírica e uma explicação adequada dos processos ostensivo-inferenciais envolvidos na interpretação.

<sup>1</sup> Além disso, a hipótese de trabalho foi a de que a atribuição de nota seria influenciada pela remissão direta dessas respostas ao texto, de tal modo que quanto mais as respostas dos intérpretes se conformassem com as entradas lexicais do texto, maior seria a nota.

A investigação foi organizada em quatro fases. Na primeira fase, aplicaram-se os conceitos de forma lógica, explicatura e implicatura em um texto Cecília Meirelles, extraído do livro *Seleto em prosa e verso* (1973). O objetivo dessa fase foi, além de auxiliar a elaboração do instrumento de coleta da segunda fase, o de levantar possíveis implicaturas a serem observadas na avaliação dos docentes.

O texto de base para o experimento compõe-se dos 8 enunciados, a seguir:

[1] A velhinha tinha uma pequena loja, numa rua de Florença. [2] Exteriormente, sua loja não era nem rica nem elegante nem artística. [3] Isso acontece em muitas lojas, na Europa. [4] Mas a velhinha vendia umas blusas tão lindas e originais que mulher nenhuma poderia ficar insensível aos seus encantos. [5] E eis que, de repente, me torno possuidora de uma delas. [6] Começava a escurecer. [7] A formosa Florença tornava-se uma cidade de prata. [8] Eu desejava mais uma blusa; quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos, mas a loja ia fechar, a velhinha não negociava com dólares (pensar que um dia eu tive dólares!): então, separei a segunda blusa, e prometi que na manhã seguinte apareceria com as minhas liras.

O texto apresenta a seguinte explicatura:

[1] Ø [o narrador afirma que] a velhinha tinha uma pequena loja, numa rua de Florença. [2] Exteriormente, sua [da velhinha] loja não era nem rica nem elegante nem artística. [3] Isso [a loja

---

<sup>1</sup> A hipótese operacional tem sido corroborada em pesquisas recentes do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem: Coral (2003), Godoi (2004), Matiolla (2004), Pavei (2005), Rauen (2005), Santos (2005), Silva (2003), Souza (2006), Vandresen (2005) e Zapelini (2005).

não ser rica, nem elegante, nem artística] acontece em muitas lojas, Ø [em Florença] na Europa. [4] Mas [apesar de a loja não ser rica, nem elegante, nem artística] a velhinha [da loja] vendia umas blusas tão lindas e originais que [em função de as blusas serem tão lindas e originais] mulher nenhuma poderia ficar insensível aos seus [das blusas] encantos. [5] E [então] eis que, de repente, Ø [eu/a narradora] me [eu/a narradora] torno possuidora de uma delas [das blusas tão lindas e originais da loja da velhinha em Florença, na Europa]. [6] Começava a escurecer Ø [na loja da velhinha, em Florença, na Europa]. [7] E<sub>7</sub>: A formosa Florença [na Europa] tornava-se Ø [a formosa Florença, na Europa] uma cidade de prata. [8] Eu [a narradora] desejava Ø [comprar] mais uma blusa [tão linda e original da loja da velhinha em Florença, na Europa]; quem [qualquer pessoa, incluindo a narradora] viaja Ø [para qualquer lugar] está sempre pensando em alegrias que [alegrias], de volta Ø [do lugar para onde se viajou], pode dar aos amigos, mas [apesar do desejo de comprar mais uma blusa/de dar alegrias a quem fica] a loja [da velhinha, em Florença, na Europa] ia fechar Ø [porque estava anoitecendo em Florença, na Europa], Ø [e] a velhinha [dona da loja de Florença, na Europa] não negociava Ø [as blusas/as mercadorias] com dólares (Ø [imagine o leitor] pensar que um dia [como aquele em que a narradora esteve na loja da velhinha, em Florença, na Europa] eu [a narradora] tive dólares! Ø [para comprar blusas/qualquer outra coisa]): então [em função de estar escurecendo, a velhinha ir fechar a loja, a velhinha não negociar com dólares, a narradora desejar comprar mais uma blusa e a narradora querer dar alegrias aos que ficaram], Ø [eu/a narradora] separei a segunda blusa [tão linda e original da loja da velhinha em Florença, na Europa], e [então] Ø [eu/a narradora] prometi Ø [à velhinha da loja de Florença, na Europa] que na manhã seguinte [ao dia em que a narradora esteve na loja da velhinha em Florença, na Europa] Ø [eu/a narradora] apareceria Ø [na loja da velhinha em Florença, na Europa] com as minhas [da narradora] liras Ø [para comprar a segunda blusa].

A seguir, apresentam-se as cinco questões:

1. O que se pode dizer a respeito da loja?
2. O que se pode dizer a respeito dos produtos vendidos na loja?
3. O que se pode dizer a respeito da compra?
4. O que se pode afirmar sobre a moeda?
5. A viagem ocorreu quando?

Na segunda fase, com base em uma ficha contendo o texto e cinco questões, setenta estudantes da 3ª série do ensino médio de uma escola de Tubarão, SC, elaboraram suas interpretações em agosto de 2005. Vale mencionar que as cinco questões compartilhavam o fato de poderem ser respondidas: a) estritamente por cópia de segmentos do texto; e b) por processos inferenciais, revelando inclusive implicaturas fracas que caracterizam a interpretação da linguagem figurada, conforme Sperber e Wilson (1986, 1995).

Na terceira fase, Silveira escolheu um conjunto de respostas que mais se aproximavam da estrutura lingüística do texto e de respostas inferenciais, com adaptações pontuais. O produto desse trabalho permitiu simular seis alunos, três rapazes e três moças. O primeiro aluno apresentou cinco respostas aproximadas da estrutura lingüística do texto; o sexto aluno apresentou cinco respostas inferenciais; e os alunos intermediários, em gradação, apresentaram respostas dos dois tipos (veja-se a tabela 1). Ainda na fase 3, solicitou-se que seis colaboradores, três rapazes e três moças, transcrevessem as respostas desses alunos simulados.

Tabela 1: Frequência e Percentual de questões marcadas por respostas inferenciais conforme 6 alunos simulados:

<i>Alunos/Questões</i>	<i>1</i>	<i>2</i>	<i>3</i>	<i>4</i>	<i>5</i>	<i>%</i>
<i>André Valgas</i>						0
<i>Elisandra Pacheco de Souza</i>	X					20
<i>Leonardo E. do Nascimento</i>		X	X			40
<i>Maria Cláudia Medeiros da Silva</i>	X			X	X	60
<i>Sandro</i>		X	X	X	X	80
<i>Tatiane M. de Souza</i>	X	X	X	X	X	100

Na quarta fase, mediante consentimento livre e esclarecido, Silveira apresentou as interpretações simuladas a cinco docentes de Língua Portuguesa para fins de leitura, correção e avaliação. Essa fase constituiu-se de duas etapas. Na primeira etapa, os docentes elaboraram suas avaliações sem qualquer interferência. Na

segunda etapa, em função da avaliação feita, estabeleceu-se uma interação verbal, gravada em áudio, para questionar os motivos de cada uma das opções de avaliação executadas.

2. Análise da primeira entrevista. Nesta seção, analisa-se a interação de Silveira com a primeira docente, exceto no que concerne à questão cinco.<sup>2</sup> O primeiro turno refere-se ao desempenho do estudante André, que simula o desempenho de um aluno que se limita a obter respostas da base textual. Vejam-se, primeiro: questões, excertos do texto de onde se podem obter as respostas, e respostas do estudante.

*Questão 1: O que se pode dizer a respeito da loja?*

Texto: A velhinha tinha uma pequena loja, numa rua de Florença. Exteriormente, sua loja não era nem rica nem elegante nem artística. Isso acontece em muitas lojas, na Europa.

André: Pode-se dizer que a loja era pequena e ficava numa rua de Florença. Exteriormente a loja da velhinha não era nem rica, nem elegante e nem artística.

*Questão 2: O que se pode dizer a respeito dos produtos vendidos na loja?*

Texto: A velhinha vendia umas blusas tão lindas e originais que mulher nenhuma poderia ficar insensível aos seus encantos.

André: Pode-se dizer que a velhinha vendia umas blusas tão lindas e originais que mulher nenhuma podia ficar insensível aos seus encantos

*Questão 3: O que se pode dizer a respeito da compra?*

Texto: Eu desejava mais a blusa; quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos, mas a loja ia fechar, a velhinha não negociava com dólares (pensar que um dia eu tive dólares!): então, separei a segunda blusa, e prometi que na manhã seguinte apareceria com as minhas liras.

André: Pode-se dizer que a mulher tornou-se possuidora de uma blusa, mas ela queria outra. Porém, a velhinha não negociava com dólares e começava a escurecer. A mulher separou a segunda blusa e prometeu voltar na manhã seguinte com as liras.

*Questão 4: O que se pode afirmar sobre a moeda?*

Texto: Eu desejava mais a blusa; quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos, mas a loja ia fechar, a velhinha não negociava com dólares (pensar que um dia eu tive dólares!): então, separei a segunda blusa, e prometi que na manhã seguinte apareceria com as minhas liras.

André: Pode-se afirmar que a velhinha não negociava com dólares.

Veja-se, então, a interação:

Silveira: Que critérios foram usados na correção da avaliação do André?

Docente: Eu li a interpretação e li as respostas. Elas não estão erradas. Mas ele não pensou. Ele fez automaticamente de acordo com o que tinha no texto. Ele usou as palavras do texto. Ele não interpretou. Porque interpretar não quer dizer copiar, é entender. Poderia pensar melhor nas respostas. a impressão que passa quando há uma resposta diferenciada é que o aluno pensa mais. A impressão que passa quando há uma resposta diferenciada é que o aluno pensa mais

Para a docente, há uma diferença entre entender e copiar respostas do texto, embora ela considere todas as respostas corretas. Isso bem demonstra o conflito entre o desempenho desejável e as demandas de atribuição de nota. O desafio é defender a tese de que as respostas não estão adequadas quando podem ser conferidas com a base textual.

A próxima interação refere-se ao desempenho de Elisandra. Esta estudante apresenta uma resposta inferencial, a primeira, e três respostas textuais.

Questão 1: O que se pode dizer a respeito da loja?

Elisandra: Era simples por fora e bela por dentro.

---

<sup>2</sup> Essa exclusão decorre da possibilidade de se considerar como inferenciais as respostas textuais organizadas pela autora. Para Silveira (2005), a viagem ocorreu quando a narradora foi a Florença, na Itália. Essa resposta, de fato, não se encontra na estrutura lingüística do texto de base, e é obtida por inferência, posto que se a narradora estava comprando blusa em Florença, ela viajou para essa cidade.

A primeira resposta simula duas implicaturas. S<sub>1</sub>: Se, exteriormente, a loja da velhinha não era nem rica, nem elegante e nem artística, então, interiormente, a loja rica, elegante e artística; S<sub>2</sub>: Se, interiormente, a loja rica, elegante e artística, então a loja era bela por dentro. As demais advêm do texto:

Questão 2: O que se pode dizer a respeito dos produtos vendidos na loja?

Elisandra: Os produtos vendidos na loja eram blusas tão lindas e originais que toda mulher que olhava, não ficava insensível aos seus encantos.

Questão 3: O que se pode dizer a respeito da compra?

Elisandra: A mulher comprou uma blusa, mas queria outra. Mas como a velhinha não negociava com dólares, ela prometeu voltar na manhã seguinte, com suas liras, para comprar a segunda blusa.

Questão 4: O que se pode afirmar sobre a moeda?

Elisandra: Que a velhinha não aceitava dólares.

Veja-se a interação:

Silveira: E no caso da Elisandra?

Docente: Ela também usou o mesmo critério. Acho que para fazer rapidinho... colocou assim: “Era simples por fora e bela por dentro”. Não diz que era bela por dentro... por dentro não diz que era bela... quem disse que ela era bela por dentro? Acho que ela pecou. Na número quatro... O que se pode afirmar sobre a moeda? ...Que a velhinha não aceitava dólares. Essa aqui, tudo bem. Está certa. Vamos melhorar.

Sobre Elisandra, a docente demonstra comportamentos ambíguos. Ela não considera correta a resposta da primeira questão. Ela justifica que a estudante “para fazer rapidinho” responde simplesmente que a loja “era simples por fora e bela por dentro”. A docente não percebe que o item lexical ‘exteriormente’ poderia destacar qualificações que não se aplicariam ao que ocorre interiormente. É possível admitir que, se exteriormente a loja não era rica, elegante ou artística, é porque interiormente a autora encontrou essas qualidades na loja, qualidades essas que podem ser subsumidas pelo item lexical ‘bela’.

Interessante destacar que justamente a resposta da primeira questão apresenta critério diverso do de resgatar dados do texto e, em tese, demonstram que a estudante está “pensando” em vez de “copiar partes do texto”. As três respostas seguintes voltam a copiar excertos do texto e, mais uma vez, são consideradas corretas. Na quarta resposta, observe-se, a docente retoma o texto para conferir se as informações de Elisandra estão de fato corretas. Encontrando os dados, ela obtém razões para atribuir como certa a resposta. Novamente, é a estrutura do texto que serve como parâmetro para gabaritar as respostas.

A interação que se segue refere-se ao desempenho de Leonardo. Leonardo apresenta duas respostas textuais e duas inferenciais, questões 2 e 3:

Questão 2: O que se pode dizer a respeito dos produtos vendidos na loja?

Leonardo: As blusas eram únicas e exclusivas.

A inferência simulada foi a de que, S<sub>1</sub>: Se as blusas vendidas pela velhinha eram originais, então eram blusas únicas e exclusivas.

Questão 3: O que se pode dizer a respeito da compra?

Leonardo: Pode-se dizer que a velhinha não aceitava dólares, pois a moeda corrente na cidade era a lira. Ele estava, então, valorizando sua própria moeda.

Nesse caso, simularam-se as seguintes inferências. S<sub>1</sub>: Se a velhinha não negociava com dólares, então o dólar não era a moeda corrente da cidade de Florença. S<sub>2</sub>: Se o dólar não era a moeda corrente da cidade de Florença, então a moeda corrente da cidade era a lira. S<sub>3</sub>: Se a moeda corrente da cidade era a lira, então a velhinha negociava com lira. S<sub>4</sub>: Se a velhinha negociava com lira, que era a moeda corrente da cidade, então a velhinha estava valorizando sua própria moeda.

As questões 1 e 4 decorrem da remissão ao texto.

Questão 1: O que se pode dizer a respeito da loja?

Leonardo: A loja era pequena e, externamente, não era rica, elegante nem artística.

Questão 4: O que se pode afirmar sobre a moeda?

Leonardo: Pode-se afirmar que a velhinha não negociava com dólares, então, a mulher separou a segunda blusa e prometeu voltar no dia seguinte com as suas liras.

Vejam-se os comentários sobre Leonardo:

Docente: E aqui, Leonardo! Também caiu na mesmice. A loja era pequena. Exteriormente não era nem rica, nem elegante nem artística. As blusas eram únicas e exclusivas. O texto não diz que eram únicas e exclusivas. Diz que eram lindas e originais.

Quando a docente considera que Leonardo “caiu na mesmice”, ela se refere às cópias de excertos do texto. Todavia, ainda mais uma vez, não as considera erradas.

A resposta da questão 3, que implica uma considerável cadeia de inferências, foi considerada correta pela docente. Esse comportamento pode lançar luzes para especular-se que uma inferência assumida como tácita por um docente, passa despercebida como tal. Em outras palavras, ao ler uma resposta inferencial para a qual a docente concorda, ela deixa de ser percebida, torna-se transparente. Supostamente por isso, não se obtém qualquer observação. Vale mencionar que Silveira estava mais atenta às respostas consideradas incorretas ou parcialmente incorretas. Isso pode justificar essa questão não ter sido saliente para ambas.

Repare-se, entretanto, que não é esse o comportamento da docente com a resposta da questão 2, que continha a inferência de que se as blusas vendidas pela velhinha eram originais, então eram blusas únicas e exclusivas. Ela destaca que o texto não diz que as blusas eram únicas e exclusivas, mas que elas eram lindas e originais. Esse comportamento chama atenção de Silveira, que provoca a seguinte interação:

Silveira: Mas exclusivas e originais não são sinônimos?

Docente: Eu acredito que originais posso trocar por exclusivas. Só que assim: o exclusivo é uma coisa que só existe ele e o original, eu posso ter mais de um; na verdade, os termos são parecidos, mas não deixa claro que só existe um modelo de cada.

Silveira: Então tu não considerarias certa?

Docente: Não, meio certa.

Quando questionada sobre a possibilidade de os termos ‘originais’ ser substituído por ‘exclusivos’, a docente concorda com Silveira. Porém, ela argumenta que algo original não se refere necessariamente a algo único, mas a algo exclusivo. A docente, possivelmente, fez as seguintes inferências. S<sub>1</sub>: Se o texto diz que as blusas eram originais, então pode haver outros modelos iguais. S<sub>2</sub>: Se pode haver outros modelos iguais, as blusas não eram exclusivas. Essa divergência implica a manutenção de ‘meio certo’ à questão e é uma primeira evidência de que a atribuição de acertos a inferências depende de que o avaliador assuma a inferência como se fosse dele próprio.

A interação, a seguir, refere-se à Maria Cláudia. Esta estudante apresenta duas questões textuais e duas inferenciais, as questões 1 e 4:

Questão 1: O que se pode dizer a respeito da loja?

Maria Cláudia: Pode-se afirmar que era uma loja simples, sem muito que mostrar por fora.

Nesse caso, as inferências simuladas são as que se seguem. S<sub>1</sub>: Se a loja era pequena e, externamente, não era rica, nem elegante nem artística, então era uma loja simples. S<sub>2</sub>: Se a loja era pequena e, externamente, não era rica, nem elegante nem artística, então a loja não tinha muito o que mostrar por fora.

Questão 4: O que se pode afirmar sobre a moeda?

Maria Cláudia: Pode-se afirmar que a velhinha não aceitava outra moeda, apenas liras.

Aqui, simularam-se as seguintes inferências. S<sub>1</sub>: A loja ficava em Florença na Itália. S<sub>2</sub>: A moeda da Itália era a lira. S<sub>3</sub>: A velhinha não negociava com dólares. S<sub>4</sub>: Se a velhinha não negociava com dólares, a loja ficava em Florença na Itália e a moeda da Itália era a lira, então a velhinha aceitava apenas liras. S<sub>5</sub>: Se ela aceitava apenas liras, a velhinha não aceitava outra moeda.

As respostas às questões 2 e 3 são textuais:

Questão 2: O que se pode dizer a respeito dos produtos vendidos na loja?

Maria Cláudia: Pode-se dizer a respeito dos produtos da loja que eram umas blusas lindas e originais. Nenhuma mulher ficaria insensível aos encantos das blusas da loja.

Questão 3: O que se pode dizer a respeito da compra?

Maria Cláudia: Pode-se dizer a respeito da compra que a mulher comprou uma blusa e queria comprar outra. Como a velhinha não negociava com dólares, então, separou a segunda blusa e prometeu voltar no outro dia para comprar ela.

Veja-se a interação:

Docente: Maria Claudia! O que se pode afirmar a respeito da loja? Pode-se afirmar que era uma loja simples, sem muito o que mostrar por fora. Na verdade essa aqui tá certa também... é o que o texto diz. O que chamou a atenção foi a número quatro [...] que ela colocou assim: “Pode-se afirmar que a velhinha não aceitava outra moeda, apenas liras”.

Na primeira avaliação, a docente havia atribuído meio certo à resposta da primeira questão, por ter considerado que ela não estava apoiada no texto de base. Porém, reconsiderou e atribuiu certo, assumindo a inferência de que a simplicidade ou o “sem muito o que mostrar por fora”, decorre de ser uma loja externamente não ser rica, elegante ou artística. Nesse caso, há mais uma evidência da pressão exercida pela base textual como gabarito para as respostas, agora para fundamentar uma inferência. Todavia, repare-se que é só na entrevista que a primeira impressão de erro é desfeita, pois as condições da tarefa tornam-se diferentes. Seja como for, esse comportamento é mais uma evidência de que inferências autorizadas traduzem-se em acertos.

No que tange à questão 4, considerada meio certa, a interação prossegue:

Silveira: E quando diz que ela não aceitava dólares, ela não poderia aceitar outra moeda?

Docente: [...] com dólares ela não negociava, mas ela poderia negociar com outras moedas além da lira.

Silveira: E nesse caso, a resposta dela estaria correta?

Docente: Não, não, nesse caso estaria meio correta.

Ao ser questionada sobre a quarta resposta, onde a estudante afirma que a mulher aceitava apenas liras, a docente concordou com Silveira que a velhinha não negociava com dólares, mas defende a tese de que ela poderia aceitar outras moedas, não apenas liras. Mesmo assim, ela alterou a correção que havia feito, considerando toda a questão correta em vez de meio certa.

Os dados a seguir referem-se a Leonardo. Leonardo apresenta três respostas inferenciais.

Questão 1: O que se pode dizer a respeito da loja?

Sandro: Era uma loja simples. Exteriormente, essa loja não era nem rica, nem elegante e nem artística.

Aqui, simulou-se a inferência de que  $S_1$ : Se, exteriormente, a loja da velhinha não era nem rica, nem elegante e nem artística, então era uma loja simples.

Questão 2: O que se pode dizer a respeito dos produtos vendidos na loja?

Sandro: Os produtos da loja eram de boa qualidade, que enchiam os olhos das mulheres.

As inferências simuladas foram as de que,  $S_1$ : Se as blusas vendidas pela velhinha eram lindas e originais, então eram produtos de boa qualidade;  $S_2$ : Se nenhuma mulher ficaria insensível aos encantos das blusas da loja, então as blusas enchiam os olhos das mulheres.

Questão 3: O que se pode dizer a respeito da compra?

Sandro: Ela escolheu duas blusas. Uma foi pagar com liras. Mas para comprar a outra ela só tinha dólares. Visto que a loja já ia fechar, devia ser por volta das 18h, não havia mais tempo para trocar a moeda, então ela separou a segunda blusa e prometeu voltar no dia seguinte.

Aqui, simularam-se as seguintes inferências.  $S_1$ : Se a velhinha não negociava com dólares, então a mulher tinha liras para pagar apenas uma blusa.  $S_2$ : Se começava a escurecer em Florença e no sul do Brasil, no inverno, começa a escurecer por volta das 18 horas, então em Florença eram 18 horas.  $S_3$ : Se eram 18 horas e no sul do Brasil as lojas fecham às 18 horas, então a loja da velhinha em Florença ia fechar.  $S_4$ : Se eram 18 horas e no sul do Brasil as lojas fecham às 18 horas, então não havia mais tempo para trocar a moeda.

Questão 4: O que se pode afirmar sobre a moeda?

Sandro: Pode-se dizer que a velhinha não aceitava outra moeda que não fosse a de seu país.

Aqui, a inferência simulada foi a de que  $S_1$ : Se a velhinha não negociava com dólares, então o dólar não era a moeda corrente de seu país.

Vejam-se a interação:

Docente: Aqui diz que a loja ia fechar, deveria ser por volta das 18h. Eu não lembro que aqui tenha citado horas.

Silveira: E nesse caso, a resposta dele tu consideras certo?

Docente: Não, não, agora que eu percebi... tem o fuso horário... Eu não posso considerar totalmente certa.

Inicialmente, a docente atribuiu certo à resposta da questão 4, pois havia despercebido que a estudante inferiu que visto que a loja ia fechar, deviam ser 18 horas. Quando questionada, ela reconsidera a avaliação, argumentando que em cada lugar há um fuso horário diferente. Supostamente, a docente está confundindo 'fuso' com horários do comércio, uma vez que os horários de abertura e fechamento de lojas decorrem dos costumes sociais e não do fuso horário de alguma localidade. Independente do equívoco, trata-se de mais uma evidência em favor da correlação entre assimilação de inferências e atribuição de nota.

A interação que se segue destaca o desempenho de Tatiane, que simula um estudante que infere todas as respostas para as questões de interpretação.

Questão 1: O que se pode dizer a respeito da loja?

Tatiane: Que era uma típica loja de roupas de Florença, simples e familiar.

Nesse enunciado, simularam-se as seguintes inferências.  $S_1$ : Se, exteriormente, a loja da velhinha não era nem rica, nem elegante e nem artística e isso acontece em muitas lojas na Europa, então a loja era uma típica loja de roupas de Florença.  $S_2$ : Se, exteriormente, a loja da velhinha não era nem rica, nem elegante e nem artística, então era uma loja simples.  $S_3$ : Se a velhinha tinha uma pequena loja, então a loja era da velhinha.  $S_4$ : Se a loja era da velhinha e, possivelmente a velhinha tinha família, então a loja era familiar.

Questão 2: O que se pode dizer a respeito dos produtos vendidos na loja?

Tatiane: Não dá para dizer muita coisa, a não ser que as blusas que eram feitas pela família eram lindas e originais.

A estudante inferiu o seguinte, conectando-se com a resposta anterior,  $S_1$ : Se as blusas vendidas pela velhinha eram originais, então as blusas eram feitas pela família.

Questão 3: O que se pode dizer a respeito da compra?

Tatiane: A mulher ficou triste por não poder levar para os amigos no Brasil a outra blusa, porque já era 18h e as liras tinham acabado. Só no outro dia ela pôde comprar.

Nessa resposta, simulam-se as seguintes inferências.  $S_1$ : Quem viaja traz presente para amigos.  $S_2$ : Se a mulher havia comprado uma blusa e queria comprar outra, então a mulher queria levar uma blusa de presente para alguma amiga.  $S_3$ : Se a mulher queria levar uma blusa de presente para alguma amiga e a loja ia fechar, então ela ficou triste.  $S_4$ : Se o texto é escrito em português, a mulher deve ser brasileira,

Questão 4: O que se pode afirmar sobre a moeda?

Tatiane: A velhinha só aceitava liras, que naquela época era a moeda corrente na Itália. Cada país tem uma moeda nacional e atitudes como a da velhinha valorizam a moeda.

A estudante inferiu o seguinte.  $S_1$ : Se a velhinha não negociava com dólares, então ela só negociava com a moeda de seu país.  $S_2$ : Florença fica na Itália.  $S_3$ : A moeda da Itália é a lira.  $S_3$ : Se Florença fica na Itália e a moeda da Itália é a lira, então a velhinha só negociava com liras.  $S_4$ : Se a velhinha só negociava com liras, então a velhinha estava valorizando a moeda de seu país.

Veja-se a interação com a docente:

Docente: Aqui, Tatiane... “Que era uma loja típica de roupas de Florença, simples e familiar. Não diz, em momento nenhum que era familiar.

Silveira: Porque tinha uma velhinha que cuidava da loja ela pode deduzir... porque é uma velhinha ... loja de família...

Docente: É... Mas aqui, era uma típica loja de roupas de Florença, também não deixa claro que era uma loja de roupas. A loja vendia roupas, mas não é exclusivamente de roupas.

Silveira: Mas pode ser...

Docente: Pode claro. Então tá meio certa. É uma loja de roupas, mas não é só uma loja de roupas. É essa questão da loja de roupas. Frisam tanto!

A estudante inferiu que, visto que a velhinha vendia blusas, então a loja era uma loja de roupas. Entretanto, a docente não concordou com isso. Veja-se que inferências a docente possivelmente atribuiu para justificar a correção. S<sub>1</sub>: Se a velhinha tinha uma loja, a loja tinha mercadorias. S<sub>2</sub>: Se a velhinha vendia blusas, então as blusas eram uma das mercadorias da loja. S<sub>3</sub>: Se as blusas eram uma das mercadorias da loja, então a velhinha não vendia apenas roupas.

Veja-se a próxima interação:

Docente: O que se pode dizer a respeito dos produtos da loja? Não dá para dizer muita coisa, a não ser que os produtos vendidos na loja eram feitos pela família. Eu não consideraria porque não dá para dizer quem fez, até poderia ser feitas pela família, mas poderia ter qualquer indício, não tem indício nenhum... o único indício aqui é a velhinha, daí a gente deduz que a velhinha tinha família, que a loja era familiar...Eu acho que dá para rever.

A estudante inferiu que dado que era uma velhinha quem atendia na loja, então a loja era da família da velhinha. Inicialmente, a docente assimila a inferência da estudante, porém reconsidera mais tarde.

Veja-se a próxima interação:

T<sub>38</sub>: Essa aqui eu gostei: “A velhinha só aceitava liras, que naquela época era a moeda corrente na Itália. Cada país tem uma moeda nacional e atitudes como a da velhinha valorizam a moeda. Ela quis dizer que a velhinha estava valorizando o seu país. Então eu considero certo, porque ela falou de moeda corrente, naquela época.]

Pode-se perceber que a avaliação da resposta da questão 4 foi prontamente aprovada pela docente “Essa aí eu gostei”. Isso indica que as inferências feitas pela aluna foram também atribuídas pela docente.

Seguem-se considerações:

Silveira: Agora considerando que essa aluna, no caso, conseguiu falar mais do que o que estava no texto, tu não achas que ela conseguiu ter uma visão diferente dos alunos?

Docente: Professora: Claro. Posso até pensar novamente e reconsiderar... Acho que eu devo dar uma melhorada aqui na nota dela.

Essa interação, mais uma vez, evidencia o conflito constitutivo das avaliações de interpretação textual. Embora a docente diga valorizar as respostas que extrapolem o conteúdo linguístico do texto de base, toda vez que se depara com eventos que assim o façam, tende a considerar as respostas erradas ou parcialmente corretas, em especial àquelas baseadas em inferências que não são prontamente assimiladas. As revisões que se apresentam nas interações, na verdade, revelam esse conflito, posto que na situação de justificar a avaliação, a docente passa a analisar suas opções com mais acuidade.

3. Considerações finais. Do ponto de vista operacional, a análise dos dados corroborou a hipótese de que conceitos de forma lógica, explicatura e implicatura, com base na Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (1986, 1995) e seu desenvolvimento em Carston (1988), permitem uma descrição empírica e uma explicação adequada dos processos ostensivo-inferenciais envolvidos na interpretação do texto de Cecília Meireles (Meireles, 1973).

Vejam-se, então, os resultados de Silveira (2005). Na tabela 2, a seguir, apresentam-se as notas atribuídas aos estudantes simulados pelos cinco docentes entrevistados, acompanhadas das médias das notas atribuídas por docente e por estudante. Nas linhas são apresentados os estudantes simulados e nas colunas os docentes de ‘A’ a ‘E’. Na coluna mais à direita, apresentam-se a média de cada estudante. Na última linha, a média de notas de cada docente. Vale lembrar que nos resultados está incluída a questão cinco.



Tabela 2: Notas atribuídas aos estudantes e médias das notas atribuídas por docente e por estudante simulado:

Alunos/Docentes	A	B	C	D	E	Média
<i>André Valgas</i>	10,00	10,00	8,00	6,80	6,50	8,26
<i>Elisandra Pacheco de Souza</i>	8,00	8,00	9,00	6,00	8,50	7,90
<i>Leonardo E. do Nascimento</i>	9,00	10,00	8,00	8,00	7,00	8,40
<i>Maria Cláudia Medeiros da Silva</i>	10,00	10,00	10,00	7,50	9,00	9,30
<i>Sandro</i>	9,00	9,00	9,00	7,00	8,50	8,50
Tatiane Medeiros de Souza	8,00	6,00	8,00	7,60	9,00	7,72
Média	9,00	8,83	8,67	7,15	8,08	8,35

Do ponto de vista quantitativo, os dados obtidos por Silveira não permitem corroborar haver uma tendência para diminuição das notas em função do aumento de percentual de inferências. Desse modo, a hipótese de trabalho não pôde ser corroborada. Mesmo assim opondo-se as notas de *André Valgas* e Tatiane Medeiros de Souza, a última obteve média inferior. Repare-se que essa tendência não se confirma em todos os docentes, uma vez que, os docentes ‘D’ e ‘E’, atribuem notas inferiores à André.

No que diz respeito às médias dos estudantes, as maiores delas se referem a estudantes que mesclam respostas inferenciais e dependentes do texto. A maior delas foi atribuída a *Maria Cláudia Medeiros da Silva*, com 3 das 5 questões respondidas inferencialmente.

No que diz respeito aos docentes, a maior média se encontra entre os docentes ‘A’ e ‘B’ que atribuem a nota máxima a *André Valgas* e as notas mais inferiores a Tatiane Medeiros de Souza. Sintomaticamente, as menores médias se encontram entre os docentes ‘D’ e ‘E’, justamente aqueles que invertem essa lógica.

Do ponto de vista qualitativo, os resultados dessa pesquisa revelaram que os docentes concordam que a interpretação de enunciados deve ocorrer através de um processo inferencial e que os estudantes que concebem interpretar como cópia de fragmentos do texto não estão interpretando, na realidade, mas transcrevendo o texto. Os docentes concebem interpretação, não como cópia de fragmentos do texto, mas como ler as entrelinhas, isto é, dizer o que não foi dito no texto. O texto de base serve como norteador para as respostas dos estudantes de modo a não permitir que eles forneçam respostas alheias ao texto.

Sendo assim, a hipótese de Silveira de que a atribuição de nota na avaliação feita pelos docentes seria em função das similitudes entre as respostas às interpretações com a estrutura lingüística do texto de base, não foi comprovada pelos resultados da pesquisa, uma vez que as respostas similares à estrutura lingüística do texto não foram consideradas interpretação, mas sim transcrição. Apesar disso, alguns deles consideraram corretas esse tipo de resposta e dois docentes atribuíram nota máxima.

Embora as respostas preferidas sejam as fornecidas através de um processo inferencial, os docentes parecem ter dificuldades em corrigi-las, e recorrem ao texto como referência. Isso é evidente nas frases proferidas pelas docentes, como “mas o texto não diz isso”. Parece haver uma contradição entre o discurso do professor e a sua prática. Em que pesem afirmarem preferir respostas inferenciais, as docentes ficam inseguras ao se depararem com tais questões. Quando as respostas não são as esperadas por eles, ou quando os alunos não fazem as mesmas inferências que os professores fazem, a nota fica comprometida.

Isso leva a constatar que a nota das interpretações textuais são influenciadas pelas inferências feitas pelos docentes. Em outras palavras, se as inferências feitas pelos alunos são as mesmas feitas pelos docentes, a nota será maior, ao passo que, se as inferências divergem, causam estranheza aos docentes, impelindo-os a pesquisarem detalhes das respostas dos estudantes, de modo que estes permitam validar ou não as inferências feitas por eles. Por outro lado, aquelas inferências que estavam em conformidade com as feitas pelo docente eram prontamente avaliadas como corretas.

Vale refletir, então, sobre a validade dos critérios utilizados pelos docentes na avaliação de interpretações textuais. Tal reflexão faz-nos pensar se interpretações textuais deveriam ser utilizadas pelo sistema escolar como um método de avaliação, uma vez que a interpretação dos estudantes está sujeita a interpretação que os docentes fazem do texto. Se a compatibilidade das inferências feitas pelos estudantes e as feitas pelos docentes for um fator determinante na atribuição de nota, então os estudantes não precisam fazer a sua interpretação, mas sim devem buscar interpretar do mesmo modo como os docentes interpretariam.

**RESUMO:** Baseada na Teoria da Relevância, Silveira (2005) verificou a correlação entre quantidade de inferências em interpretação e atribuição de nota. Embora os dados não corroborem haver diminuição de notas em função do aumento de inferências, inferências desaprovadas pelos docentes tendem a ser consideradas erradas. Nesta comunicação, esses resultados são discutidos.

PALAVRAS-CHAVE: *teoria da relevância; inferência; avaliação.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CARSTON, Robyn. Implicature, explicature, and truth-theoretic semantics. In KEMPSON, Ruth (Ed.). **Mental representations: the interface between language and reality**. Cambridge: Cambridge University, 1988.
- CORAL, Ruth de Farias. **Progressão temática em entrevista de Anthony Garotinho a Boris Casoy**: análise com base na teoria da relevância, 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.
- GODOI, Jaqueline Marcos Garcia de. **Influência de implicaturas na elaboração de resumo sem consulta ao texto de base**: estudo de caso com base na teoria da relevância, 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Curso de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.
- MATIOLLA, José Antonio. **Aulas de Filosofia com alunos de sétima série do Ensino Fundamental**: análise de processos interacionais com base na teoria da relevância, 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.
- MEIRELLES, Cecília. Seleta em prosa e verso. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- PAVEI, Maria de Fátima Silveira. **Influência do título na interpretação de charge**: estudo de caso com base na teoria da relevância, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.
- RAUEN, Fábio José. Inferências em resumo com consulta ao texto de base: estudo de caso com base na Teoria da Relevância. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 5, n. esp., p. 33-57, 2005.
- SANTOS, Scheyla Damian Preve dos. **Interação jogos instrucionais, docente e estudantes em aulas de matemática sobre números inteiros**: análise com base na teoria da relevância, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.
- SILVA, Célia Maria da. **Processos ostensivo-inferenciais do filme Neve sobre os cedros de Scott Hicks**, 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.
- SILVEIRA, Luana Rabello. **Avaliação de interpretação textual por cinco docentes de língua portuguesa**: análise com base na teoria de relevância, 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras) – Curso de Graduação em Letras Portugêses/Inglês, Universidade do Sul de Santa Catarina.
- SOUZA, Jamille Militão de. **Graus de explicitação em reescrita de produção textual**: análise, com base na teoria da relevância, dos efeitos da intervenção oral docente, 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.
- SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. **Relevance: communication & cognition**. 2nd. ed. Oxford: Blackwell, 1995 (1st. ed. 1986).
- VANDRESEN, Ana Sueli Ribeiro. **Interpretações do poema ‘O barro’, de Paulo Leminski, por docentes do Ensino Fundamental**: análise com base na teoria da relevância, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.
- ZAPELINI, Clésia da Silva Mendes. **Produção de texto oral e escrito a partir da interpretação de história em quadrinhos**: análise com base na teoria da relevância, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.